

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS

JÉSSICA CAROLINE CAPELA MENDES

**ILUSTRAÇÕES ANATÔMICAS DE GRAVIDEZ NO SÉCULO XVIII:
CIÊNCIA, TÉCNICA E ÉTICA NA OBRA DE WILLIAM HUNTER**

ALFENAS/MG

2026

JÉSSICA CAROLINE CAPELA MENDES

**ILUSTRAÇÕES ANATÔMICAS DE GRAVIDEZ NO SÉCULO XVIII:
CIÊNCIA, TÉCNICA E ÉTICA NA OBRA DE WILLIAM HUNTER**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Medicina pela Universidade Federal de Alfenas.

Orientadora: Prof. Dra. Evelise Aline Soares
Coorientador: Prof. Dr. Rafael Adler Favaro Fuzato

ALFENAS/MG

2026

Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Alfenas
Biblioteca Central

Mendes, Jéssica Caroline Capela.

Ilustrações anatômicas de gravidez no século XVIII : ciência, técnica e ética na obra de William Hunter / Jéssica Caroline Capela Mendes. - Alfenas, MG, 2026.

41 f. : il. -

Orientador(a): Evelise Aline Soares.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Medicina) -
Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, MG, 2026.

Bibliografia.

1. Obstetrícia. 2. Anatomia. 3. Gestação. 4. William Hunter. I. Soares, Evelise Aline, orient. II. Título.

ILUSTRAÇÕES ANATÔMICAS DE GRAVIDEZ NO SÉCULO XVIII: CIÊNCIA, TÉCNICA E ÉTICA NA OBRA DE WILLIAM HUNTER

O(A) Presidente da banca examinadora abaixo assina a aprovação do(a) Trabalho de Conclusão de Curso/Dissertação/Tese apresentado(a) como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Medicina pela Universidade Federal de Alfenas. Área de concentração.

Aprovada em: 23 de março de 2026.

Prof. Evelise Aline Soares

Presidente da Banca Examinadora

Instituição: Universidade Federal de Alfenas

Prof. Thiago Donizeth da Silva

Universidade Federal de Alfenas

Prof.^a Anelena Moretto Salomão

Universidade Federal de Alfenas



Documento assinado eletronicamente por **Evelise Aline Soares, Professor(a) do Magistério Superior**, em 26/03/2026, às 22:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Thiago Donizeth da Silva, Usuário Externo**, em 26/03/2026, às 23:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Anelena Moretto Salomão, Professor(a) do Magistério Superior**, em 26/03/2026, às 23:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unifal-mg.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1759757** e o código CRC **7E06C7D3**.

Aos meus pais, que me ensinaram a voar em busca dos meus sonhos, sem nunca me deixar esquecer que sempre haveria um lar para onde voltar. À minha irmã, por me lembrar que, mesmo nos voos mais solitários, eu nunca estaria verdadeiramente só. À minha avó, que partiu no início desta caminhada, mas cuja presença permanece viva em mim. E a Jesus Cristo, o Médico dos médicos, que me lembra, em cada etapa, que cuidar da vida é também um chamado.

RESUMO

Este artigo realiza uma análise histórico-crítica da trajetória e das contribuições do anatomista e obstetra escocês William Hunter, com ênfase em sua influência para a consolidação da anatomia obstétrica no século XVIII. A partir de revisão bibliográfica, o estudo examina sua obra monumental, *Anatomia Uteri Humani Gravidi Tabulis Illustrata* (1774), destacando suas inovações metodológicas, como o uso de técnicas avançadas de dissecação estratificada e a produção de ilustrações anatômicas executadas diretamente a partir da observação de cadáveres de gestantes. A análise evidencia como o atlas revolucionou a representação do útero grávido e do feto *in situ*, fornecendo base empírica inédita para o avanço da obstetrícia, contribuindo para a medicalização do parto e para a institucionalização dos *man-midwives* na prática clínica europeia. Paralelamente, o artigo problematiza as condições éticas de obtenção dos corpos utilizados, discutindo a provável relação com práticas de exploração de mulheres socialmente vulneráveis, cujas identidades foram apagadas do registro histórico. Argumenta-se que a obra de Hunter deve ser compreendida simultaneamente como marco científico e como documento revelador das tensões entre progresso médico e desigualdades sociais no contexto iluminista. Conclui-se que o estudo crítico de sua produção permanece fundamental para a compreensão da evolução do saber anatômico-obstétrico e para o fortalecimento da reflexão bioética na formação médica contemporânea.

Palavras-chave: obstetrícia; anatomia; gestação; William Hunter.

ABSTRACT

This article presents a historical-critical analysis of the trajectory and contributions of the Scottish anatomist and obstetrician William Hunter, with emphasis on his influence on the consolidation of obstetric anatomy in the 18th century. Based on a bibliographic review, the study examines his monumental work, *Anatomia Uteri Humani Gravidi Tabulis Illustrata* (1774), highlighting his methodological innovations, such as the use of advanced stratified dissection techniques and the production of anatomical illustrations executed directly from the observation of pregnant cadavers. The analysis demonstrates how the atlas revolutionized the representation of the gravid uterus and the fetus in situ, providing an unprecedented empirical foundation for the advancement of obstetrics, contributing to the medicalization of childbirth and to the institutionalization of man-midwives in European clinical practice. Simultaneously, the article problematizes the ethical conditions under which the bodies were obtained, discussing their probable connection to practices involving the exploitation of socially vulnerable women, whose identities were erased from the historical record. It is argued that Hunter's work should be understood both as a scientific landmark and as a document revealing the tensions between medical progress and social inequalities within the Enlightenment context. The study concludes that a critical examination of his production remains essential for understanding the evolution of anatomical-obstetric knowledge and for strengthening bioethical reflection in contemporary medical education.

Keywords: obstetrics; anatomy; pregnancy; William Hunter.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Obra Portrait of Dr William Hunter, 1769 (Mason Chamberlin RA).....	13
Figura 2 - Capa da obra Anatomia uteri humani gravidi tabulis illustrata.....	14
Figura 3 - Prancha I da obra Anatomia uteri humani gravidi tabulis illustrata.....	16
Figura 4 - Prancha IV da obra Anatomia uteri humani gravidi tabulis illustrata.....	17
Figura 5 - Prancha VI da obra Anatomia uteri humani gravidi tabulis illustrata.....	17
Figura 6 - Prancha XII da obra Anatomia uteri humani gravidi tabulis illustrata.....	18

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	09
2	REVISÃO DE LITERATURA.....	13
2.1	ARTIGO: Ilustrações anatômicas de gravidez no século XVIII: ciência, técnica e ética em William Hunter.....	13
3	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
	REFERÊNCIAS.....	28
	ANEXOS.....	30

1 INTRODUÇÃO

A história da medicina é, em grande parte, uma história de representações. Antes que qualquer instrumento cirúrgico pudesse ser aperfeiçoado ou que qualquer manobra obstétrica pudesse ser padronizada, foi necessário que o corpo humano fosse visto, descrito e reproduzido com precisão. Nesse processo, as ilustrações anatômicas desempenharam um papel fundador, funcionando não apenas como registros científicos, mas como instrumentos de legitimação de saberes, de redefinição de práticas e de consolidação de relações de poder. É dentro dessa perspectiva que se insere a obra *Anatomia Uteri Humani Gravidi Tabulis Illustrata*, publicada em 1774 pelo anatomista e obstetra escocês William Hunter (1718–1783), considerada um dos marcos mais significativos da história da medicina ocidental (Hunter, 1774).

O atlas de Hunter, composto por 34 gravuras em tamanho real, representou uma ruptura sem precedentes na tradição da ilustração anatômica. Enquanto obras anteriores, como as de Vesalius e Albinus, frequentemente recorriam a convenções estéticas classicizantes para representar o corpo humano, Hunter impôs um programa radicalmente diferente: o de retratar o útero gravídico exatamente como ele se apresentava na mesa de dissecação, sem ornamentos e sem idealizações (Kemp, 2003). Produzidas em colaboração com o artista Jan van Rymdyk, as ilustrações utilizavam técnicas inovadoras de preservação anatômica para garantir que a forma e o volume dos tecidos fossem mantidos durante o processo de representação (Thornton; Want, 1974). O resultado foi uma obra de rigor científico extraordinário, que permitiu aos médicos de sua época e às gerações seguintes compreenderem com inédita clareza a anatomia da gravidez, a posição fetal, a estrutura placentária e as relações entre as membranas uterinas (Wagoner, 2017).

A relevância do estudo da obra de Hunter não se limita, contudo, ao seu impacto técnico-científico. A publicação do atlas em 1774 ocorreu em um contexto

de profunda transformação da obstetrícia como campo do saber médico. No decorrer do século XVIII, o parto, até então gerenciado quase exclusivamente por parteiras tradicionais, começou a ser progressivamente incorporado ao escopo da medicina institucionalizada, com a ascensão dos chamados *man-midwives* (homens-parteiros) (Hoge, 2017). Nesse processo, o conhecimento anatômico detalhado funcionou como um instrumento de legitimação: ao dominar a representação científica do corpo feminino grávido, os médicos masculinos afirmavam sua autoridade sobre o parto, de forma que as parteiras, desprovidas de tais recursos formais, não podiam reivindicar iguais condições (Roberts et al., 2010). Dessa maneira, a obra de Hunter situa-se no epicentro de uma reconfiguração social e institucional que resultou na medicalização do parto e na exclusão das mulheres do controle sobre seus próprios processos reprodutivos.

Paralelamente a esse impacto sócio-histórico, a obra levanta questões éticas de grande envergadura, que permanecem pertinentes para a medicina contemporânea. A produção das ilustrações exigia o acesso a cadáveres de mulheres grávidas, uma categoria de espécimes extremamente rara no contexto jurídico inglês do século XVIII, uma vez que a lei britânica suspendia a execução de mulheres que declaravam estar grávidas (Dittmar; Mitchell, 2016). Diante da escassez de corpos obtidos por vias legais, há fortes indícios de que Hunter recorreu a redes de "ressurrecionistas", indivíduos que exumavam cadáveres recém-enterrados para vendê-los a anatomistas, e que as mulheres dissecadas eram, em sua maioria, pertencentes a camadas marginalizadas da sociedade, como indigentes e prostitutas, que jamais consentiram com o uso de seus corpos (Shelton, 2010). Essa dimensão da obra caracteriza o que a literatura contemporânea passou a denominar "violência epistêmica": a construção do conhecimento científico às custas da exploração de populações vulneráveis, cujas identidades foram sistematicamente apagadas em nome da objetividade (Halpern, 2024).

A análise visual das pranchas do atlas reforça essa leitura crítica. Na

composição das ilustrações, os rostos das mulheres são sistematicamente ocultados ou posicionados fora do campo visual, enquanto o foco recai exclusivamente sobre o abdômen e o útero (Hughes, 2023). Essa estratégia, ainda que justificada pelo discurso da precisão científica, operava a anonimização e a fragmentação do corpo feminino, tratando-o como um espécime desconectado da pessoa que o habitava. O corpo da mulher grávida tornava-se, assim, um objeto de estudo, uma superfície sobre a qual o saber médico masculino inscrevia sua autoridade, ao mesmo tempo em que sua subjetividade, sua história e sua dignidade eram sistematicamente apagadas da representação (Halpern, 2024; Hughes, 2023).

Diante desse conjunto de dimensões científica, histórica, ética e iconográfica, o presente trabalho propõe uma análise crítica e multidimensional da obra *Anatomia Uteri Humani Gravidi Tabulis Illustrata*, examinando de que maneira a inovação técnica e o realismo empírico de Hunter contribuíram para a medicalização do parto e para a consolidação da obstetrícia como disciplina médica formal, ao mesmo tempo em que impõem uma reflexão inadiável sobre as condições éticas nas quais esse conhecimento foi produzido. Parte-se da hipótese central de que a obra de Hunter constitui um documento ambivalente: um marco inegável do progresso científico iluminista que, simultaneamente, encapsula as contradições estruturais de uma época marcada pela desigualdade social, pela ausência de consentimento e pela exploração de corpos marginalizados.

A metodologia adotada é de natureza qualitativa, baseada em análise histórico-crítica e documental, com exame da fonte primária, o próprio atlas de 1774, em diálogo com um referencial bibliográfico especializado nas áreas de história da medicina, bioética e história da arte científica. O trabalho dialoga, em especial, com contribuições recentes que problematizam o uso de representações anatômicas históricas sob a perspectiva da responsabilidade institucional contemporânea (Cornwall et al., 2025; Yee et al., 2019), entendendo que museus e escolas de medicina têm o dever ético de contextualizar tais acervos à luz do consentimento

informado e da dignidade humana.

Ao revisitar a obra de William Hunter não apenas como um monumento da história da anatomia, mas como um artefato cultural complexo, este artigo busca contribuir para uma formação médica mais crítica, reflexiva e eticamente comprometida, capaz de reconhecer nas conquistas científicas do passado as contradições e injustiças que as tornaram possíveis.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 ARTIGO: Ilustrações anatômicas de gravidez no século XVIII: ciência, técnica e ética em William Hunter

William Hunter, o anatomista e obstetra

William Hunter (1718-1783), anatomista e obstetra escocês, ganhou destaque como um dos personagens mais influentes da medicina britânica do século XVIII, chegando a estabelecer uma escola de anatomia em Londres e ganhando o título de médico-parteiro da rainha Charlotte¹. Iniciou seus estudos na Universidade de Glasgow, com o objetivo de preparar-se para o sacerdócio, mas abandonou o curso teológico ao conhecer Willian Cullen e Alexander Monro, interessando-se pela área médica e anatomista. Sob a tutela de seus mestres, Hunter consolidou sua reputação não apenas devido à sua habilidade cirúrgica, mas por sua obsessão pela precisão anatômica e rigor científico aplicado à obstetrícia, campo que, até aquele momento, era restrito às parteiras tradicionais e carecia de uma sistematização médica formal². Sua trajetória representou a transição da obstetrícia de uma prática empírica para uma disciplina médica institucionalizada, com a inclusão de profissionais masculinos no acompanhamento da gestação, movimento que traria implicações sociais e éticas profundas para a época.

Figura 1 - Obra Portrait of Dr William Hunter, 1769 (Mason Chamberlin RA).

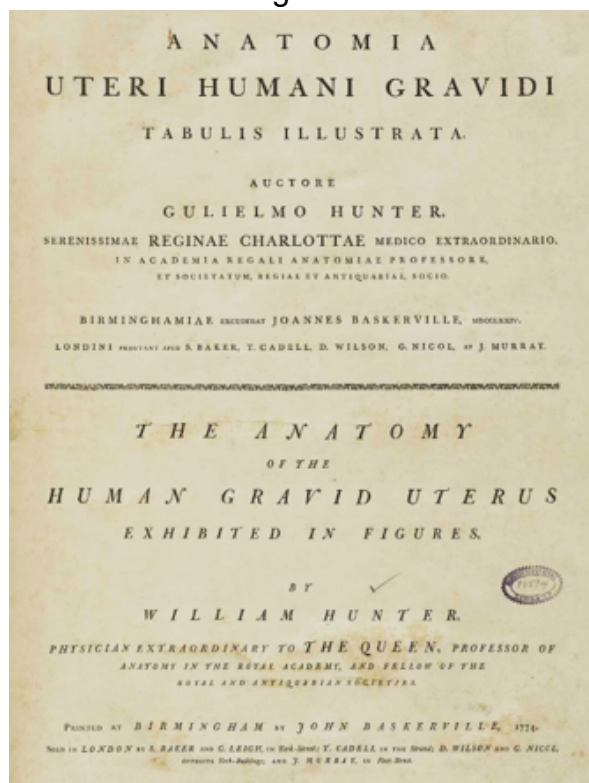


Fonte: Royal Academy of Arts.

Em 1774, Hunter publicou aquela que seria considerada sua obra-prima:

Anatomia Uteri Humani Gravidi Tabulis Illustrata (A anatomia do útero humano grávido exibido em figuras), um atlas monumental impresso por John Baskerville em Birmingham, composto por 34 panchas em fólho imperial que representam, em tamanho real, o útero e seus conteúdos em diversos estágios da gestação³⁻⁴.

Figura 2 - Capa da obra Anatomia uteri humani gravidi tabulis illustrata.



Fonte: National Library of Medicine.

As gravuras, executadas primordialmente pelo artista holandês Jan van Rymsdyk, apresentam detalhamento anatômico sem precedentes, mostrando desde os primeiros meses de gestação até o termo completo, incluindo representações da placenta, membranas fetais, cordão umbilical e a anatomia fetal intrauterina com uma minúcia jamais alcançada anteriormente⁵. O formato luxuoso da obra, que inicialmente possuía apenas 150 cópias produzidas e destinadas à elite médica europeia, refletia tanto a ambição científica quanto o status social que Hunter desejava conferir ao seu trabalho.

O impacto do atlas de Hunter na medicina obstétrica foi revolucionário. Antes de sua publicação, o conhecimento sobre a anatomia da gravidez era baseado em dissecações de animais, especulações teóricas ou ilustrações imprecisas que

idealizavam o corpo feminino segundo cânones estéticos e morais, em vez de representações anatômicas fiéis^{4,1}. A obra de Hunter forneceu, pela primeira vez, descrições visuais empiricamente fundamentadas que permitiram aos médicos compreender a posição fetal, a estrutura placentária e as transformações anatômicas do útero grávido com grau de precisão anteriormente impossível. Esse conhecimento teve consequências diretas na prática obstétrica, embasando intervenções como o uso de fórceps, manobras de versão fetal e o manejo de complicações hemorrágicas. Simultaneamente, a obra contribuiu para a consolidação do papel dos man-midwives (parteiros médicos) em detrimento das parteiras tradicionais, processo que intensificou a medicalização do parto e a exclusão das mulheres do controle sobre seus próprios processos reprodutivos⁶.

Anatomia Uteri Humani Gravid Tabulis Illustrata: objetivos e características

A parceria entre William Hunter e seus ilustradores, especialmente Jan van Rymsdyk, responsável pela maioria das panchas, seu filho, Cornelius van Rymsdyk, e outros artistas anônimos, representou uma ruptura metodológica fundamental na ilustração anatômica⁴.

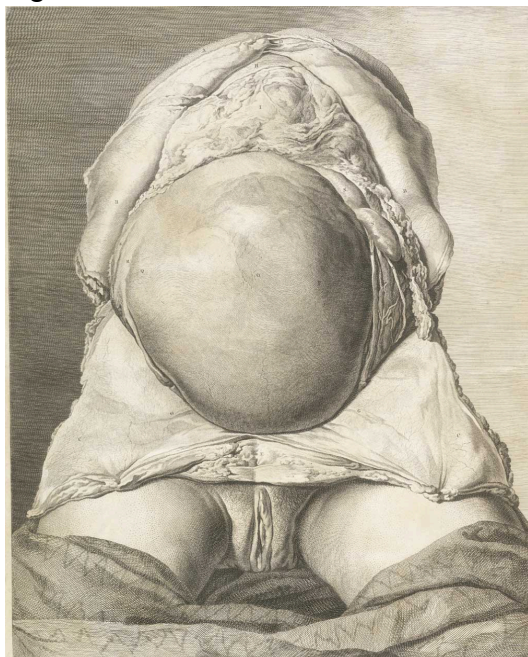
Hunter insistia que os desenhos fossem executados diretamente durante as dissecações, com os artistas posicionados junto à mesa anatômica, observando e representando os espécimes ainda frescos, antes que a decomposição alterasse suas características⁷. Essa abordagem contrastava radicalmente com a prática comum do século XVIII, em que ilustradores frequentemente trabalhavam a partir de memória, esboços preliminares ou sob influência de convenções artísticas que subordinavam a precisão anatômica à estética clássica. Hunter declarou explicitamente no prefácio de sua obra que buscava "representar a natureza como ela é, não como imaginamos que deveria ser", o que refletia os ideais iluministas de objetividade científica e observação empírica⁵. Contudo, como argumenta Hughes⁸, essa retórica de transparência objetiva mascarava decisões estéticas e editoriais que envolviam seleção, composição e até idealização parcial das imagens, revelando tensões entre os imperativos científicos e as expectativas visuais da época.

As ilustrações apresentam características técnicas sofisticadas. Executadas em cobre através da técnica de engraving (buril), as panchas exigiam habilidade artística excepcional para reproduzir texturas, profundidades e detalhes anatômicos

microscópicos⁷. A composição visual das imagens é notavelmente consistente: os corpos são apresentados em posição supina, com o tronco aberto e exposto, mas com a face sistematicamente oculta ou posicionada fora do campo visual, estratégia que, embora tecnicamente justificada pelo foco anatômico no abdômen, também funcionava como mecanismo de anonimização e desumanização dos sujeitos representados⁹.

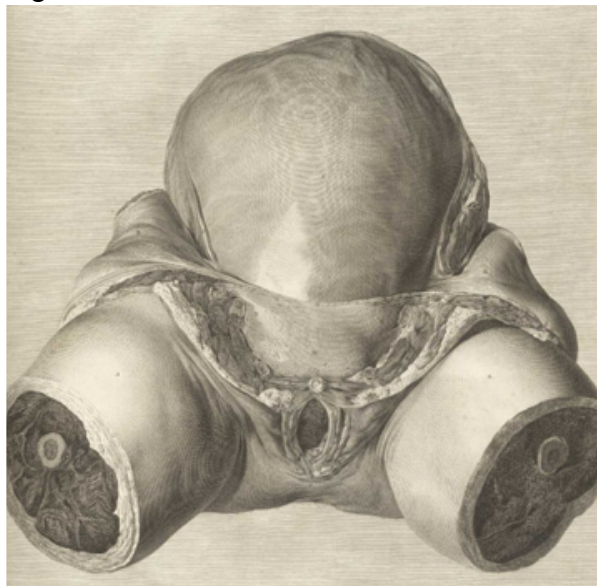
As ilustrações seguem uma progressão lógica que revela camadas anatômicas sucessivas: iniciam com o útero fechado e avançam através de dissecações cada vez mais profundas, expondo primeiro as paredes uterinas, depois as membranas fetais, a placenta e, finalmente, o próprio feto in situ. Essa sequência didática permitia aos estudantes de medicina compreender a organização tridimensional dos tecidos, simulando visualmente o processo de dissecação⁵.

Figura 3 - Prancha I.



Fonte: Anatomia uteri humani gravidi tabulis illustrata.

Figura 4 - Prancha IV.



Fonte: Anatomia uteri humani gravidi tabulis illustrata.

Figura 5 - Prancha VI.



Fonte: Anatomia uteri humani gravidi tabulis illustrata.

A inovação mais radical de Hunter residia na representação do feto dentro do útero em posições anatomicamente realistas, abandonando as representações simbólicas ou proporcionalmente distorcidas comuns em atlas anteriores⁴. Enquanto obras como as de Andreas Vesalius (século XVI) ou Bernhard Siegfried Albinus (início do século XVIII) apresentavam fetos em poses classicizantes, reminiscentes de esculturas gregas, as gravuras de Hunter mostravam recém-nascidos em posturas fetais genuínas, com proporções corporais fiéis e detalhes como a vernix

caseosa, cabelos e unhas visíveis⁷. Essa precisão não era meramente estética: tinha implicações práticas diretas, permitindo aos obstetras reconhecer apresentações fetais anormais durante o parto e planejar intervenções apropriadas. Como argumenta Hoge⁶, o atlas funcionava como "substituto visual" essencial em uma época em que o acesso direto a dissecação era extremamente limitado, apenas alguns grandes centros urbanos possuíam escolas de anatomia, e a preservação de cadáveres por longos períodos era tecnicamente impossível, tornando as imagens impressas o principal meio de transmissão do conhecimento anatômico para médicos de toda Europa.

Figura 6 - Prancha XII.



Fonte: Anatomia uteri humani gravidi tabulis illustrata.

Comparativamente, a obra de Hunter superava mesmo o trabalho de seu contemporâneo William Smellie, que também publicou atlas obstétrico ilustrado em 1754¹. Enquanto as ilustrações de Smellie enfatizavam aspectos práticos e instrumentais da obstetrícia, mostrando uso de fórceps e técnicas de extração fetal, Hunter priorizava a compreensão anatômica fundamental, fornecendo base teórica sobre a qual práticas clínicas deveriam ser fundamentadas. Dittmar e Mitchell¹⁰

destacam que as imagens de Hunter também se distinguiram pelo detalhamento de estruturas fetais, incluindo representações de fetos em diferentes idades gestacionais, contribuindo para o desenvolvimento da embriologia e da anatomia do desenvolvimento fetal, campos que permaneceriam centrais na medicina pelos séculos seguintes.

Técnicas de preparação anatômica para preparo e dissecação

As técnicas de preparação anatômica empregadas por Hunter representavam o estado da arte da anatomia setecentista. O método de injeção vascular, técnica na qual ceras coloridas (tipicamente vermelho para artérias e azul para veias) eram injetadas sob pressão nos vasos sanguíneos, permitia visualizar a rede circulatória e, crucialmente, manter a forma e volume naturais dos órgãos, prevenindo o colapso dos tecidos que inevitavelmente ocorreria após a morte⁴. Essa técnica, aperfeiçoada por Hunter a partir de métodos desenvolvidos por anatomistas holandeses como Frederik Ruysch, exigia extraordinária perícia: as injeções deviam ser realizadas imediatamente após a morte, antes que a coagulação sanguínea bloqueasse os vasos, e a pressão devia ser calibrada cuidadosamente para evitar rupturas tissulares⁷. A remoção de tecidos seguia estratégia metódica de dissecação estratificada, em que camadas sucessivas de pele, músculos, fáscias e peritônio eram delicadamente removidas e documentadas, permitindo a criação de panchas que mostravam diferentes profundidades anatômicas do mesmo espécime.

Embora Hunter não tenha deixado registros detalhados sobre o posicionamento exato dos corpos durante as dissecações, a análise das panchas revela padrões consistentes³. Os corpos eram posicionados em decúbito dorsal (supino), com a cabeça frequentemente posicionada para fora do campo visual ou coberta por tecidos, e o abdômen cuidadosamente aberto através de incisões que expunham a cavidade peritoneal sem danificar estruturas subjacentes⁵. Em algumas ilustrações, observam-se segmentos de membros inferiores, mas raramente os superiores, sugerindo que partes do corpo consideradas anatomicamente irrelevantes para o estudo obstétrico eram deliberadamente excluídas da representação, o que, além de funcionalidade didática, reforçava a fragmentação e objetificação dos corpos femininos⁹. Assim, o foco visual concentrava-se invariavelmente no útero grávido, apresentado como objeto isolado de investigação científica, desconectado da pessoa que o havia portado.

A obtenção dos corpos para dissecação

A produção do atlas de Hunter dependia de recurso extremamente escasso: cadáveres de mulheres grávidas. O contexto legal britânico do século XVIII criava obstáculos formidáveis para a prática anatômica. O Murder Act de 1752 estabelecia que apenas corpos de indivíduos executados por crimes capitais podiam ser legalmente destinados à dissecação, medida concebida como punição adicional e desincentivo ao crime¹⁰.

Contudo, mulheres grávidas raramente eram executadas: a common law britânica garantia automaticamente suspensão da execução a qualquer mulher condenada que alegasse gravidez (procedimento conhecido como "pleading the belly"), e mesmo após o nascimento, circunstâncias frequentemente resultavam em comutação da pena¹¹. Consequentemente, a disponibilidade legal de cadáveres de gestantes para dissecação era praticamente nula. Hunter afirma ter dissecado pelo menos 10 a 12 mulheres grávidas para produzir seu atlas, número que, dada a raridade dessas mortes naturais entre mulheres saudáveis, levanta questões inevitáveis sobre a origem desses corpos⁴.

A prática de body-snatching (roubo de cadáveres) estava amplamente disseminada na Inglaterra georgiana, onde grupos de "homens da ressurreição" (resurrection men) operavam redes organizadas que exumavam corpos recentemente enterrados de cemitérios e os vendiam a escolas de anatomia por valores substanciais¹⁰. Embora tecnicamente ilegal, essa prática era tacitamente tolerada pelas autoridades médicas e educacionais, que reconheciam a impossibilidade de treinar cirurgiões adequadamente sem acesso a cadáveres. Shelton¹¹ argumenta que anatomistas proeminentes como Hunter, embora publicamente condenassem o roubo de cadáveres, eram seus principais beneficiários e financiadores, estabelecendo relações comerciais contínuas com essas redes criminosas. A ausência completa de documentação sobre a origem dos corpos no atlas de Hunter, visto que ele não menciona nomes, idades, causas de morte ou circunstâncias de aquisição, sugere deliberada omissão destinada a evitar escrutínio legal e moral⁹.

Pesquisas históricas recentes identificaram que os corpos mais provavelmente provinham de mulheres das classes trabalhadoras urbanas, prostitutas, indigentes ou vítimas de complicações obstétricas que morriam em

instituições caritárias ou nas ruas de Londres¹⁰. Essas mulheres, socialmente marginalizadas, frequentemente sem família que reclamasse seus corpos e vulneráveis mesmo após a morte, tornavam-se alvos preferenciais dos ladrões de cadáveres.

Teorias mais controversas, embora com evidências limitadas, sugerem que alguns anatomistas poderiam ter adquirido corpos de mulheres mortas em circunstâncias suspeitas ou até encomendado assassinatos (prática documentada no caso dos infames assassinos Burke e Hare em Edimburgo, poucos anos após a morte de Hunter)¹¹. Independentemente do grau exato de cumplicidade, permanece indiscutível que nenhuma das mulheres dissecadas consentiu com o uso de seus corpos para pesquisa anatômica, e que suas identidades foram sistematicamente apagadas do registro histórico.

Hughes⁸ destaca um silêncio revelador nas narrativas de Hunter: enquanto dedica extensas passagens à descrição de técnicas anatômicas e à validação científica de suas observações, ele jamais discute a proveniência dos corpos ou reconhece as mulheres como sujeitos com histórias individuais. Essa anonimização não era meramente circunstancial, mas refletia estruturas mais profundas de poder: os corpos femininos, especialmente os de mulheres pobres, eram concebidos como recursos disponíveis para exploração masculina e científica, sem necessidade de justificação ética⁹.

A própria linguagem anatômica, referindo-se a "espécimes", "preparações" e "objetos de estudo", contribuía para a desumanização sistemática. Como argumenta Shelton¹¹, essa violência epistêmica, embora normalizada no contexto do século XVIII, demanda reconhecimento crítico contemporâneo, especialmente quando instituições médicas e museus continuam a exibir e reproduzir essas imagens sem contextualização adequada sobre suas origens eticamente problemáticas.

Considerações éticas sobre a polêmica envolvida na obtenção dos corpos utilizados

A *Anatomia Uteri Humani Gravidi Tabulis Illustrata* de William Hunter permanece como marco incontornável na história da anatomia e obstetrícia. Suas 34 panchas meticulosamente elaboradas revolucionaram a compreensão médica da gravidez, estabelecendo padrões de precisão anatômica e integração entre arte e

ciência que influenciariam profundamente o desenvolvimento subsequente dessas disciplinas^{4,1}.

As inovações técnicas introduzidas por Hunter, incluindo métodos avançados de preservação vascular, dissecação estratificada e documentação visual rigorosa, consolidaram a anatomia como empreendimento empírico fundamentado na observação direta, contribuindo para a transição da medicina de paradigmas especulativos para fundamentos científicos modernos⁷. O impacto prático do atlas na redução da mortalidade materna e melhoria dos cuidados obstétricos constitui legado médico genuíno que merece reconhecimento.

Contudo, o valor científico da obra não pode ser separado das condições materiais e éticas de sua produção. Os corpos de mulheres grávidas que tornaram possível o atlas de Hunter foram obtidos através de meios legalmente questionáveis e eticamente inaceitáveis: sem consentimento, provavelmente através de roubo de cadáveres, e invariavelmente de populações vulneráveis^{11,10,9}. A própria metodologia visual do atlas, com ocultação de faces e apresentação de corpos fragmentados, participava de processos de desumanização que facilitavam a exploração científica ao obscurecer a humanidade dos sujeitos dissecados. Reconhecer essas violências não diminui as contribuições científicas de Hunter, mas as contextualiza dentro de estruturas históricas de poder que definiam quais corpos poderiam legitimamente ser apropriados para progresso médico.

A relevância dessa análise crítica estende-se ao presente. Instituições médicas contemporâneas, como museus, bibliotecas e escolas de medicina, que preservam e exibem materiais anatômicos históricos enfrentam responsabilidade ética de contextualizar adequadamente suas coleções, reconhecendo explicitamente as circunstâncias problemáticas de sua origem e honrando, mesmo que retrospectivamente, a dignidade das pessoas cujos corpos foram transformados em objetos de estudo¹².

Educadores médicos têm oportunidade de utilizar casos históricos como o de Hunter para desenvolver consciência bioética em estudantes, promovendo reflexão crítica sobre como desigualdades sociais moldam práticas científicas e sobre a centralidade do consentimento informado na medicina contemporânea¹³. Ademais, a história de Hunter ilumina continuidades que merecem atenção: embora os mecanismos tenham mudado, persistem desigualdades no acesso à saúde reprodutiva, na autonomia sobre decisões obstétricas e na representação de

populações marginalizadas em pesquisas médicas, questões que exigem vigilância ética contínua.

Conclusão

O atlas de Hunter deve ser compreendido não apenas como um marco na história da anatomia e da obstetrícia, mas também como um documento que evidencia simultaneamente o avanço científico e os dilemas éticos da medicina iluminista, cujas implicações permanecem relevantes para a prática médica contemporânea. A elevada qualidade e fidelidade de suas ilustrações às estruturas anatômicas gravídicas e fetais explicam sua permanência, ainda hoje, em livros e tratados de ginecologia e obstetrícia, consolidando sua importância no ensino e na difusão do conhecimento anatômico.

As controvérsias relacionadas à obtenção dos corpos utilizados na elaboração da obra reforçam sua relevância no campo da ética e da bioética médica, destacando a necessidade de reflexão crítica sobre os limites éticos da produção do conhecimento científico. Nesse sentido, o estudo da história da anatomia e da medicina torna-se essencial na formação dos estudantes da área da saúde, especialmente por ocorrer em um momento inicial do curso, quando o contato com o corpo humano contribui não apenas para a construção do conhecimento científico, mas também para o desenvolvimento do respeito ao cadáver, da humanização da futura assistência e da formação de uma postura ética profissional.

Assim, o legado da obra *Anatomia Uteri Humani Gravidi Tabulis Illustrata* permanece inquestionável sob o ponto de vista científico, ao mesmo tempo em que constitui um importante referencial para a reflexão ética. Esse contexto reforça que o avanço da ciência deve estar permanentemente fundamentado no respeito à dignidade humana, assegurando que o progresso do conhecimento ocorra em consonância com princípios éticos sólidos.

Nesse contexto, o estudo anatômico promove o respeito aos cadáveres, reconhecidos como a mais valiosa fonte de ensino, além de contribuir para o desenvolvimento da humanização na assistência em saúde e para a construção de uma postura ética sólida na prática profissional e na pesquisa científica. Assim, o legado anatômico da obra *Anatomia Uteri Humani Gravidi Tabulis Illustrata* é inegável e permanece amplamente reconhecido por sua contribuição singular ao conhecimento das estruturas anatômicas gravídicas e fetais.

Entretanto, os métodos possivelmente envolvidos na obtenção dos corpos utilizados na elaboração da obra suscitam importantes reflexões éticas. Caso tais controvérsias venham a ser definitivamente confirmadas, reforça-se a necessidade inequívoca de que o avanço científico jamais se dissocie dos princípios éticos e do respeito à dignidade humana. Dessa forma, a obra de Hunter deve ser compreendida simultaneamente como um marco científico e como um importante elemento de reflexão ética, cujas lições permanecem relevantes para a formação e a atuação dos profissionais de saúde no século XXI.

Referências bibliográficas

¹ ROBERTS, A. D. et al. William Smellie and William Hunter: two great obstetricians and anatomists. *Journal of the Royal Society of Medicine*, v. 103, n. 5, p. 205–206, 2010.

² ILLINGWORTH, Charles. *The story of William Hunter*. Edinburgh; London: E. & S. Livingstone, 1967.

³ HUNTER, William. *Anatomia uteri humani gravidi tabulis illustrata*. Birmingham: John Baskerville, 1774. Disponível em: <https://collections.nlm.nih.gov/catalog/nlm:nlmuid-2491060R-bk>. Acesso em: 10 fev. 2026.

⁴ THORNTON, J. L.; WANT, P. C. The anatomy of the human gravid uterus: 1774–1974. *BJOG: An International Journal of Obstetrics & Gynaecology*, v. 81, n. 1, p. 1–10, 1974.

⁵ WAGONER, N. *Anatomia Uteri Humani Gravid Tabulis Illustrata (1774)*, por William Hunter. *Embryo Project Encyclopedia*, 2017. ISSN 1940-5030. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10776/11475>. Acesso em: 10 fev. 2026.

⁶ HOGE, G. *Medicalizing childbirth in the 18th century through the illustrated obstetric anatomy atlases of William Smellie and William Hunter*. 2017. Dissertação (Graduação) – Baylor University, Waco, 2017. Disponível em: <https://baylor-ir.tdl.org/>. Acesso em: 10 fev. 2026.

⁷ KEMP, M. The mark of truth: looking and learning in some anatomical illustrations from the Renaissance and eighteenth century. *Clinical Anatomy*, v. 16, n. 1, p. 46–57, 2003.

⁸ HUGHES, A. Authorship, image-making, and excess: William Hunter's *Anatomia uteri humani gravidi tabulis illustrata* (1774). *Journal for Eighteenth-Century Studies*, v. 46, n. 2, p. 215–233, 2023.

⁹ HALPERN, S. Windows on the womb and guiding trains of light: figuring the real in plate XXVI of William Hunter's *Anatomy of the Human Gravid Uterus*. *Journal for Eighteenth-Century Studies*, v. 47, n. 1, p. 123–142, 2024.

¹⁰ DITTMAR, J. M.; MITCHELL, P. D. From cradle to grave via the dissection room: the role of foetal and infant bodies in anatomical education from the late 1700s to early 1900s. *Journal of Anatomy*, v. 229, n. 6, p. 713–722, 2016.

¹¹ SHELTON, D. C. The emperor's new clothes. *Journal of the Royal Society of Medicine*, v. 103, n. 2, p. 46–50, 2010.

¹² CORNWALL, J. et al. Legal and ethical considerations around the use of existing illustrations to generate new illustrations in the anatomical sciences. *Anatomical Sciences Education*, v. 18, n. 1, p. 70002, 2025.

¹³ YEE, A.; ZUBOVIC, E.; YU, J.; RAY, S.; HILDEBRANDT, S.; ZEIDMAN, L. A.; NUÑO, M. Ethical considerations in the use of Pernkopf's *Atlas of Anatomy*: a surgical case study. *Surgery*, v. 165, n. 5, p. 860–867, 2019.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, a análise realizada permite afirmar que os objetivos propostos foram alcançados de forma satisfatória. A investigação da obra *Anatomia Uteri Humani Gravidi Tabulis Illustrata* (Hunter, 1774), a partir de três dimensões interligadas — técnico-científica, socio-histórica e ética — mostrou-se um caminho adequado para compreender a complexidade e a relevância histórica desse atlas.

No que se refere ao primeiro eixo, a análise das inovações metodológicas de William Hunter evidenciou a importância de sua contribuição para o desenvolvimento da medicina. O uso do realismo empírico, associado a técnicas como a injeção vascular com ceras coloridas e a dissecação estratificada de espécimes frescos, representou um avanço significativo em relação às representações anatômicas anteriores (Kemp, 2003; Thornton; Want, 1974). As gravuras produzidas por Jan van Rymdyk, baseadas na observação direta durante as dissecações, alcançaram um nível de precisão anatômica que consolidou o atlas como uma referência duradoura para médicos e parteiros (Wagoner, 2017).

No segundo eixo, a análise permitiu compreender o impacto socio-histórico da obra no contexto do século XVIII. Mais do que um produto da ciência iluminista, o atlas participou das transformações que marcaram a prática obstétrica daquele período. Ao oferecer um repertório visual que reforçava a autoridade científica da medicina sobre o corpo grávido, a obra de Hunter contribuiu para o processo de medicalização do parto e para o gradual deslocamento das parteiras tradicionais (Hoge, 2017; Roberts et al., 2010). Esse movimento também esteve associado a mudanças nas relações de poder que envolvem o corpo feminino.

Entretanto, é no eixo ético que emergem as questões mais sensíveis desta análise. A investigação sobre a origem dos cadáveres utilizados por Hunter, associada à observação das estratégias de anonimização presentes nas gravuras, indica que o conhecimento produzido no atlas foi construído a partir de corpos de mulheres que não tiveram voz ou possibilidade de consentimento (Shelton, 2010; Dittmar; Mitchell, 2016; Halpern, 2024). O silêncio do autor em relação à identidade dessas mulheres — sem registro de nomes, idades ou circunstâncias de morte — revela aspectos importantes das estruturas sociais e das desigualdades que marcaram a medicina daquele período (Hughes, 2023).

Diante desses achados, entende-se que a contribuição desta pesquisa está em evitar uma leitura simplificada da obra. Reconhecer Hunter apenas como um pioneiro técnico seria tão limitado quanto analisá-lo sem considerar o contexto histórico em que atuou. O que esta investigação sugere é que ciência e ética sempre estiveram profundamente relacionadas e que o caso de Hunter permanece como um importante ponto de reflexão para a formação médica contemporânea (Yee et al., 2019; Cornwall et al., 2025).

REFERÊNCIAS

CHAMBERLIN, Mason. **Portrait of Dr. William Hunter**. Royal Academy of Arts, 1769.

CORNWALL, J. et al. **Legal and ethical considerations around the use of existing illustrations to generate new illustrations in the anatomical sciences**. *Anatomical Sciences Education*, v. 18, n. 1, p. 70002, 2025.

DITTMAR, J. M.; MITCHELL, P. D. **From cradle to grave via the dissection room: the role of foetal and infant bodies in anatomical education from the late 1700s to early 1900s**. *Journal of Anatomy*, v. 229, n. 6, p. 713–722, 2016.

HALPERN, S. **Windows on the womb and guiding trains of light: figuring the real in plate XXVI of William Hunter's Anatomy of the Human Gravid Uterus**. *Journal for Eighteenth-Century Studies*, v. 47, n. 1, p. 123–142, 2024.

HOGUE, G. **Medicalizing childbirth in the 18th century through the illustrated obstetric anatomy atlases of William Smellie and William Hunter**. 2017. Dissertação (Graduação) – Baylor University, Waco, 2017. Disponível em: <https://baylor-ir.tdl.org/>. Acesso em: 10 fev. 2026.

HUGHES, A. **Authorship, image-making, and excess: William Hunter's Anatomia uteri humani gravidi tabulis illustrata (1774)**. *Journal for Eighteenth-Century Studies*, v. 46, n. 2, p. 215–233, 2023.

HUNTER, William. **Anatomia uteri humani gravidi tabulis illustrata**. Birmingham: John Baskerville, 1774. Disponível em: <https://collections.nlm.nih.gov/catalog/nlm:nlmthornuid-2491060R-bk>. Acesso em: 10 fev. 2026.

ILLINGWORTH, Charles. **The story of William Hunter**. Edinburgh; London: E. & S. Livingstone, 1967.

KEMP, M. **The mark of truth: looking and learning in some anatomical illustrations from the Renaissance and eighteenth century**. *Clinical Anatomy*, v. 16, n. 1, p. 46–57, 2003.

ROBERTS, A. D. et al. **William Smellie and William Hunter: two great obstetricians and anatomists**. *Journal of the Royal Society of Medicine*, v. 103, n. 5, p. 205–206, 2010.

SHELTON, D. C. **The emperor's new clothes**. *Journal of the Royal Society of Medicine*, v. 103, n. 2, p. 46–50, 2010.

THORNTON, J. L.; WANT, P. C. **The anatomy of the human gravid uterus: 1774–1974**. *BJOG: An International Journal of Obstetrics & Gynaecology*, v. 81, n. 1, p. 1–10, 1974.

WAGONER, N. **Anatomia Uteri Humani Gravidi Tabulis Illustrata (1774)**, por **William Hunter**. Embryo Project Encyclopedia, 2017. ISSN 1940-5030. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10776/11475>. Acesso em: 10 fev. 2026.

YEE, A.; ZUBOVIC, E.; YU, J.; RAY, S.; HILDEBRANDT, S.; ZEIDMAN, L. A.; NUÑO, M. **Ethical considerations in the use of Pernkopf's Atlas of Anatomy: a surgical case study**. *Surgery*, v. 165, n. 5, p. 860–867, 2019.

**ANEXO A - ARTIGO PUBLICADO NA REVISTA O ANATOMISTA INTITULADO
“ILUSTRAÇÕES ANATÔMICAS DE GRAVIDEZ NO SÉCULO XVIII:
CIÊNCIA, TÉCNICA E ÉTICA NA OBRA DE WILLIAM HUNTER”**



SOCIEDADE BRASILEIRA
DE ANATOMIA

Ilustrações anatômicas de gravidez no século XVIII: ciência, técnica e ética na obra de William Hunter

Jéssica Caroline Capela Mendes¹, Rafael Adler Favaro Fuzato²; Evelise Aline Soares³.

¹ Discente da Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Alfenas UNIFAL-MG.

² Médico Ginecologista e Obstetra da Faculdade de Medicina da UNIFAL-MG.

³ Doutora na área de Anatomia pelo PPGBCE da UNICAMP, Docente e Diretora da Faculdade de Medicina da UNIFAL-MG.

Autor correspondente: Jéssica Caroline Capela Mendes, jessica.capela@sou.unifal-mg.edu.br

Palavras-chave: Obstetrícia; Anatomia; Gestação; Willian Hunter

William Hunter o anatomista e obstetra

William Hunter (1718-1783), anatomista e obstetra escocês, ganhou destaque como um dos personagens mais influentes da medicina britânica do século XVIII, chegando a estabelecer uma escola de anatomia em Londres e ganhando o título de médico-parteiro da rainha Charlotte¹. Iniciou seus estudos na Universidade de Glasgow, com o objetivo de preparar-se para o sacerdócio, mas abandonou o curso teológico ao conhecer Willian Cullen e Alexander Monro, interessando-se pela área médica e anatomista. Sob a tutela de seus mestres, Hunter consolidou sua reputação não apenas devido à sua habilidade cirúrgica, mas por sua obsessão pela precisão anatômica e rigor científico aplicado à obstetrícia, campo que, até aquele momento, era

restrito às parteiras tradicionais e carecia de uma sistematização médica formal².

Figura 1. Obra Portrait of Dr William Hunter, 1769.



Fonte: Royal Academy of Arts.

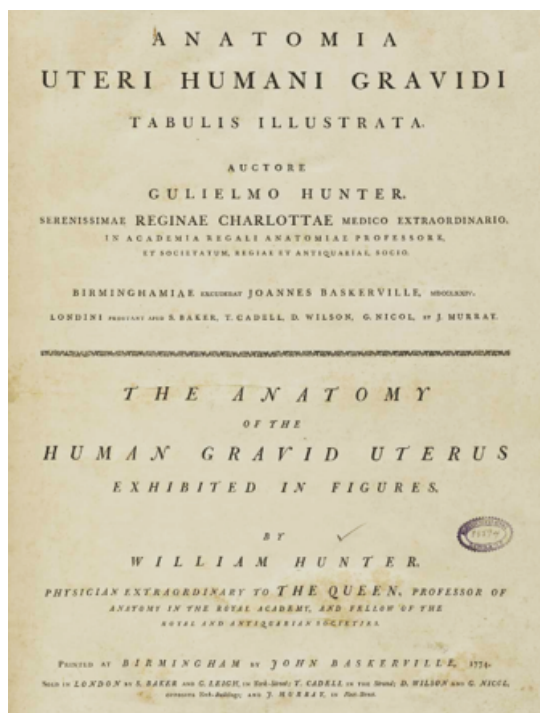


SOCIEDADE BRASILEIRA
DE ANATOMIA

Sua trajetória representou a transição da obstetrícia de uma prática empírica para uma disciplina médica institucionalizada, com a inclusão de profissionais masculinos no acompanhamento da gestação, movimento que traria implicações sociais e éticas profundas para a época.

Em 1774, Hunter publicou aquela que seria considerada sua obra-prima: *Anatomia Uteri Humani Gravidi Tabulis Illustrata* (A anatomia do útero humano grávido exibido em figuras), um atlas monumental impresso por John Baskerville em Birmingham, composto por 34 panchas em fólio imperial que representam, em tamanho real, o útero e seus conteúdos em diversos estágios da gestação³⁻⁴.

Figura 2. Capa da obra *Anatomia uteri humani gravidi tabulis illustrata*.



Fonte: National Library of Medicine.

As gravuras, executadas primordialmente pelo artista holandês Jan van Rymdyk, apresentam detalhamento anatômico sem precedentes, mostrando desde os primeiros meses de gestação até o termo completo, incluindo representações da placenta, membranas fetais, cordão umbilical e a anatomia fetal intrauterina com uma minúcia jamais alcançada anteriormente⁵. O formato luxuoso da obra, que inicialmente possuía apenas 150 cópias produzidas e destinadas à elite médica europeia, refletia tanto a ambição científica quanto o status social que Hunter desejava conferir ao seu trabalho.

O impacto do atlas de Hunter na medicina obstétrica foi revolucionário. Antes de sua publicação, o conhecimento sobre a anatomia da gravidez era baseado em dissecações de animais, especulações teóricas ou ilustrações imprecisas que idealizavam o corpo feminino segundo cânones estéticos e morais, em vez de representações anatômicas fiéis^{4,1}. A obra de Hunter forneceu, pela primeira vez, descrições visuais empiricamente fundamentadas que permitiram aos médicos compreender a posição fetal, a estrutura placentária e as transformações anatômicas do útero grávido com grau de precisão anteriormente impossível. Esse conhecimento teve consequências diretas na prática obstétrica, embasando intervenções como o uso de fórceps, manobras de versão fetal e o manejo de complicações hemorrágicas. Simultaneamente, a obra contribuiu para a consolidação do papel dos *man-midwives* (parceiros médicos) em detrimento das parteiras tradicionais, processo que intensificou



SOCIEDADE BRASILEIRA
DE ANATOMIA

a medicalização do parto e a exclusão das mulheres do controle sobre seus próprios processos reprodutivos⁶.

***Anatomia Uteri Humani Gravidi Tabulis Illustrata:* objetivos e características**

A parceria entre William Hunter e seus ilustradores, especialmente Jan van Rymsdyk, responsável pela maioria das panchas, seu filho, Cornelius van Rymsdyk, e outros artistas anônimos, representou uma ruptura metodológica fundamental na ilustração anatômica⁴.

Hunter insistia que os desenhos fossem executados diretamente durante as dissecações, com os artistas posicionados junto à mesa anatômica, observando e representando os espécimes ainda frescos, antes que a decomposição alterasse suas características⁷. Essa abordagem contrastava radicalmente com a prática comum do século XVIII, em que ilustradores frequentemente trabalhavam a partir de memória, esboços preliminares ou sob influência de convenções artísticas que subordinavam a precisão anatômica à estética clássica. Hunter declarou explicitamente no prefácio de sua obra que buscava "representar a natureza como ela é, não como imaginamos que deveria ser", o que refletia os ideais iluministas de objetividade científica e observação empírica⁵. Contudo, como argumenta Hughes⁸, essa retórica de transparência objetiva mascarava decisões estéticas e editoriais que envolviam seleção, composição e até idealização

parcial das imagens, revelando tensões entre os imperativos científicos e as expectativas visuais da época.

As ilustrações apresentam características técnicas sofisticadas. Executadas em cobre através da técnica de *engraving* (buril), as panchas exigiam habilidade artística excepcional para reproduzir texturas, profundidades e detalhes anatômicos microscópicos⁷. A composição visual das imagens é notavelmente consistente: os corpos são apresentados em posição supina, com o tronco aberto e exposto, mas com a face sistematicamente oculta ou posicionada fora do campo visual, estratégia que, embora tecnicamente justificada pelo foco anatômico no abdômen, também funcionava como mecanismo de anonimização e desumanização dos sujeitos representados⁹.

As ilustrações seguem uma progressão lógica que revela camadas anatômicas sucessivas: iniciam com o útero fechado e avançam através de dissecações cada vez mais profundas, expondo primeiro as paredes uterinas, depois as membranas fetais, a placenta e, finalmente, o próprio feto *in situ*. Essa sequência didática permitia aos estudantes de medicina compreender a organização tridimensional dos tecidos, simulando visualmente o processo de dissecação⁵.



SOCIEDADE BRASILEIRA
DE ANATOMIA

Figura 3. Prancha I da obra *Anatomia uteri humani gravidi tabulis illustrata*.

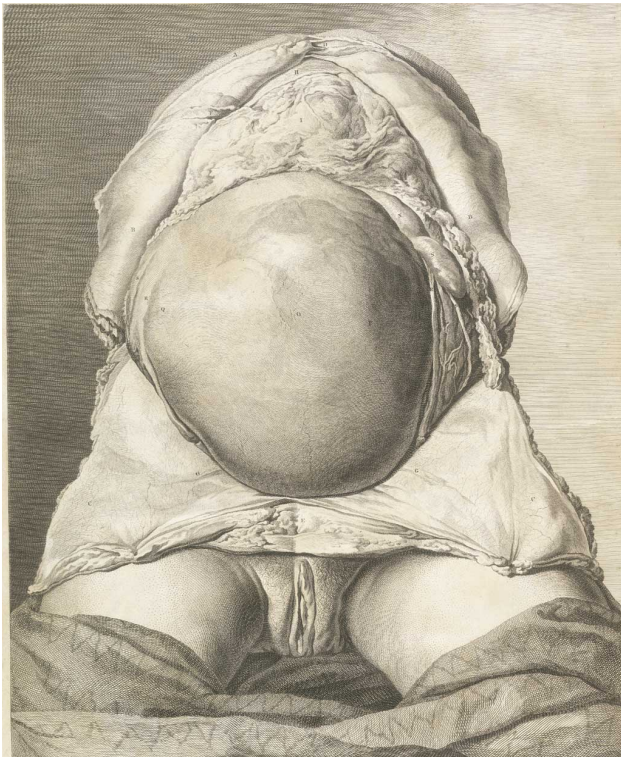


Figura 4. Prancha IV da obra.

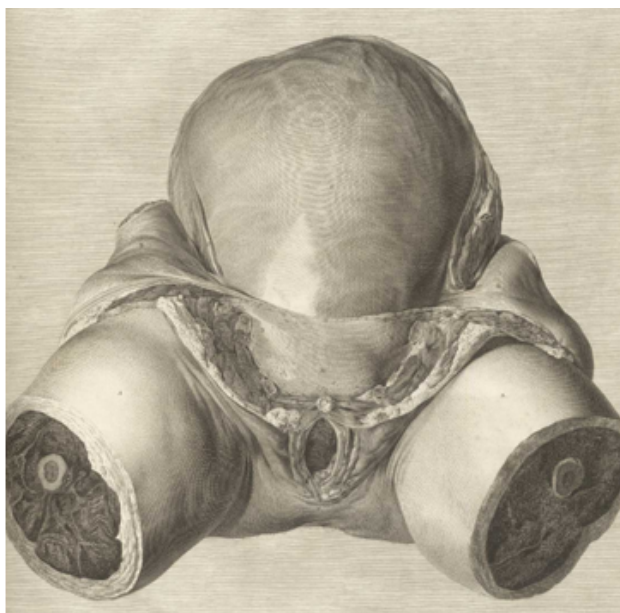


Figura 5. Prancha VI da obra.



A inovação mais radical de Hunter residia na representação do feto dentro do útero em posições anatomicamente realistas, abandonando as representações simbólicas ou proporcionalmente distorcidas comuns em atlas anteriores⁴. Enquanto obras como as de Andreas Vesalius (século XVI) ou Bernhard Siegfried Albinus (início do século XVIII) apresentavam fetos em poses classicizantes, reminiscentes de esculturas gregas, as gravuras de Hunter mostravam recém-nascidos em posturas fetais genuínas, com proporções corporais fiéis e detalhes como a vernix caseosa, cabelos e unhas visíveis⁷. Essa precisão não era meramente estética: tinha implicações práticas diretas, permitindo aos obstetras reconhecer apresentações fetais anormais durante o parto e planejar intervenções apropriadas. Como argumenta Hoge⁶, o atlas funcionava como



SOCIEDADE BRASILEIRA
DE ANATOMIA

"substituto visual" essencial em uma época em que o acesso direto a dissecação era extremamente limitado, apenas alguns grandes centros urbanos possuíam escolas de anatomia, e a preservação de cadáveres por longos períodos era tecnicamente impossível, tornando as imagens impressas o principal meio de transmissão do conhecimento anatômico para médicos de toda Europa.

Figura 6. Prancha XII da obra.



Comparativamente, a obra de Hunter superava mesmo o trabalho de seu contemporâneo William Smellie, que também publicou atlas obstétrico

ilustrado em 1754¹. Enquanto as ilustrações de Smellie enfatizavam aspectos práticos e instrumentais da obstetria, mostrando uso de fórceps e técnicas de extração fetal, Hunter priorizava a compreensão anatômica fundamental, fornecendo base teórica sobre a qual práticas clínicas deveriam ser fundamentadas. Dittmar e Mitchell¹⁰ destacam que as imagens de Hunter também se distinguem pelo detalhamento de estruturas fetais, incluindo representações de fetos em diferentes idades gestacionais, contribuindo para o desenvolvimento da embriologia e da anatomia do desenvolvimento fetal, campos que permaneceriam centrais na medicina pelos séculos seguintes.

Técnicas de preparação anatômica para preparação e dissecação

As técnicas de preparação anatômica empregadas por Hunter representavam o estado da arte da anatomia setecentista. O método de injeção vascular, técnica na qual ceras coloridas (tipicamente vermelho para artérias e azul para veias) eram injetadas sob pressão nos vasos sanguíneos, permitia visualizar a rede circulatória e, crucialmente, manter a forma e volume naturais dos órgãos, prevenindo o colapso dos tecidos que inevitavelmente ocorreria após a morte⁴. Essa técnica, aperfeiçoada por Hunter a partir de métodos desenvolvidos por anatomistas holandeses como Frederik Ruysch, exigia extraordinária perícia: as injeções deviam ser realizadas imediatamente após a morte, antes que a



SOCIEDADE BRASILEIRA
DE ANATOMIA

coagulação sanguínea bloqueasse os vasos, e a pressão devia ser calibrada cuidadosamente para evitar rupturas tissulares⁷. A remoção de tecidos seguia estratégia metódica de dissecação estratificada, em que camadas sucessivas de pele, músculos, fâscias e peritônio eram delicadamente removidas e documentadas, permitindo a criação de panchas que mostravam diferentes profundidades anatômicas do mesmo espécime.

Embora Hunter não tenha deixado registros detalhados sobre o posicionamento exato dos corpos durante as dissecações, a análise das panchas revela padrões consistentes³. Os corpos eram posicionados em decúbito dorsal (supino), com a cabeça frequentemente posicionada para fora do campo visual ou coberta por tecidos, e o abdômen cuidadosamente aberto através de incisões que expunham a cavidade peritoneal sem danificar estruturas subjacentes⁵. Em algumas ilustrações, observam-se segmentos de membros inferiores, mas raramente os superiores, sugerindo que partes do corpo consideradas anatomicamente irrelevantes para o estudo obstétrico eram deliberadamente excluídas da representação, o que, além de funcionalidade didática, reforçava a fragmentação e objetificação dos corpos femininos⁹. Assim, o foco visual concentrava-se invariavelmente no útero grávido, apresentado como objeto isolado de investigação científica, desconectado da pessoa que o havia portado.

A obtenção dos corpos para dissecação

A produção do atlas de Hunter dependia de recurso extremamente escasso: cadáveres de mulheres grávidas. O contexto legal britânico do século XVIII criava obstáculos formidáveis para a prática anatômica. O *Murder Act* de 1752 estabelecia que apenas corpos de indivíduos executados por crimes capitais podiam ser legalmente destinados à dissecação, medida concebida como punição adicional e desincentivo ao crime¹⁰.

Contudo, mulheres grávidas raramente eram executadas: a common law britânica garantia automaticamente suspensão da execução a qualquer mulher condenada que alegasse gravidez (procedimento conhecido como "pleading the belly"), e mesmo após o nascimento, circunstâncias frequentemente resultavam em comutação da pena¹¹. Consequentemente, a disponibilidade legal de cadáveres de gestantes para dissecação era praticamente nula. Hunter afirma ter dissecado pelo menos 10 a 12 mulheres grávidas para produzir seu atlas, número que, dada a raridade dessas mortes naturais entre mulheres saudáveis, levanta questões inevitáveis sobre a origem desses corpos⁴.

A prática de *body-snatching* (roubo de cadáveres) estava amplamente disseminada na Inglaterra georgiana, onde grupos de "homens da ressurreição" (*resurrection men*) operavam redes organizadas que exumavam corpos recentemente enterrados de cemitérios e os vendiam a escolas de anatomia por valores substanciais¹⁰. Embora



tecnicamente ilegal, essa prática era tacitamente tolerada pelas autoridades médicas e educacionais, que reconheciam a impossibilidade de treinar cirurgiões adequadamente sem acesso a cadáveres. Shelton¹¹ argumenta que anatomistas proeminentes como Hunter, embora publicamente condenassem o roubo de cadáveres, eram seus principais beneficiários e financiadores, estabelecendo relações comerciais contínuas com essas redes criminosas. A ausência completa de documentação sobre a origem dos corpos no atlas de Hunter, visto que ele não menciona nomes, idades, causas de morte ou circunstâncias de aquisição, sugere deliberada omissão destinada a evitar escrutínio legal e moral⁹.

Pesquisas históricas recentes identificaram que os corpos mais provavelmente provinham de mulheres das classes trabalhadoras urbanas, prostitutas, indigentes ou vítimas de complicações obstétricas que morriam em instituições caritárias ou nas ruas de Londres¹⁰. Essas mulheres, socialmente marginalizadas, frequentemente sem família que reclamasse seus corpos e vulneráveis mesmo após a morte, tornavam-se alvos preferenciais dos ladrões de cadáveres.

Teorias mais controversas, embora com evidências limitadas, sugerem que alguns anatomistas poderiam ter adquirido corpos de mulheres mortas em circunstâncias suspeitas ou até encomendado assassinatos (prática documentada no caso dos infames assassinos Burke e Hare em Edimburgo, poucos anos após a morte de Hunter)¹¹. Independentemente do grau exato de cumplicidade,

permanece indiscutível que nenhuma das mulheres dissecadas consentiu com o uso de seus corpos para pesquisa anatômica, e que suas identidades foram sistematicamente apagadas do registro histórico.

Hughes⁸ destaca um silêncio revelador nas narrativas de Hunter: enquanto dedica extensas passagens à descrição de técnicas anatômicas e à validação científica de suas observações, ele jamais discute a proveniência dos corpos ou reconhece as mulheres como sujeitos com histórias individuais. Essa anonimização não era meramente circunstancial, mas refletia estruturas mais profundas de poder: os corpos femininos, especialmente os de mulheres pobres, eram concebidos como recursos disponíveis para exploração masculina e científica, sem necessidade de justificativa ética⁹.

A própria linguagem anatômica, referindo-se a "espécimes", "preparações" e "objetos de estudo", contribuía para a desumanização sistemática. Como argumenta Shelton¹¹, essa violência epistêmica, embora normalizada no contexto do século XVIII, demanda reconhecimento crítico contemporâneo, especialmente quando instituições médicas e museus continuam a exibir e reproduzir essas imagens sem contextualização adequada sobre suas origens eticamente problemáticas.

Considerações éticas sobre a polêmica envolvida na obtenção dos corpos utilizados

A Anatomia Uteri Humani Gravidi Tabulis Illustrata de William Hunter permanece como marco



SOCIEDADE BRASILEIRA
DE ANATOMIA

incontornável na história da anatomia e obstetrícia. Suas 34 panchas meticulosamente elaboradas revolucionaram a compreensão médica da gravidez, estabelecendo padrões de precisão anatômica e integração entre arte e ciência que influenciariam profundamente o desenvolvimento subsequente dessas disciplinas^{4,1}.

As inovações técnicas introduzidas por Hunter, incluindo métodos avançados de preservação vascular, dissecação estratificada e documentação visual rigorosa, consolidaram a anatomia como empreendimento empírico fundamentado na observação direta, contribuindo para a transição da medicina de paradigmas especulativos para fundamentos científicos modernos⁷. O impacto prático do atlas na redução da mortalidade materna e melhoria dos cuidados obstétricos constitui legado médico genuíno que merece reconhecimento.

Contudo, o valor científico da obra não pode ser separado das condições materiais e éticas de sua produção. Os corpos de mulheres grávidas que tornaram possível o atlas de Hunter foram obtidos através de meios legalmente questionáveis e eticamente inaceitáveis: sem consentimento, provavelmente através de roubo de cadáveres, e invariavelmente de populações vulneráveis^{11,10,9}. A própria metodologia visual do atlas, com ocultação de faces e apresentação de corpos fragmentados, participava de processos de desumanização que facilitavam a exploração científica ao obscurecer a humanidade dos sujeitos dissecados. Reconhecer essas violências não diminui as contribuições

científicas de Hunter, mas as contextualiza dentro de estruturas históricas de poder que definiam quais corpos poderiam legitimamente ser apropriados para progresso médico.

A relevância dessa análise crítica estende-se ao presente. Instituições médicas contemporâneas, como museus, bibliotecas e escolas de medicina, que preservam e exibem materiais anatômicos históricos enfrentam responsabilidade ética de contextualizar adequadamente suas coleções, reconhecendo explicitamente as circunstâncias problemáticas de sua origem e honrando, mesmo que retrospectivamente, a dignidade das pessoas cujos corpos foram transformados em objetos de estudo¹².

Educadores médicos têm oportunidade de utilizar casos históricos como o de Hunter para desenvolver consciência bioética em estudantes, promovendo reflexão crítica sobre como desigualdades sociais moldam práticas científicas e sobre a centralidade do consentimento informado na medicina contemporânea¹³. Ademais, a história de Hunter ilumina continuidades que merecem atenção: embora os mecanismos tenham mudado, persistem desigualdades no acesso à saúde reprodutiva, na autonomia sobre decisões obstétricas e na representação de populações marginalizadas em pesquisas médicas, questões que exigem vigilância ética contínua.



SOCIEDADE BRASILEIRA
DE ANATOMIA

Considerações finais

O atlas de Hunter deve ser compreendido não apenas como um marco na história da anatomia e da obstetrícia, mas também como um documento que evidencia simultaneamente o avanço científico e os dilemas éticos da medicina iluminista, cujas implicações permanecem relevantes para a prática médica contemporânea. A elevada qualidade e fidelidade de suas ilustrações às estruturas anatômicas gravídicas e fetais explicam sua permanência, ainda hoje, em livros e tratados de ginecologia e obstetrícia, consolidando sua importância no ensino e na difusão do conhecimento anatômico.

As controvérsias relacionadas à obtenção dos corpos utilizados na elaboração da obra reforçam sua relevância no campo da ética e da bioética médica, destacando a necessidade de reflexão crítica sobre os limites éticos da produção do conhecimento científico. Nesse sentido, o estudo da história da anatomia e da medicina torna-se essencial na formação dos estudantes da área da saúde, especialmente por ocorrer em um momento inicial do curso, quando o contato com o corpo humano contribui não apenas para a construção do conhecimento científico, mas também para o desenvolvimento do respeito ao cadáver, da humanização da futura assistência e da formação de uma postura ética profissional.

Assim, o legado da obra *Anatomia Uteri Humani Gravidi Tabulis Illustrata* permanece

inquestionável sob o ponto de vista científico, ao mesmo tempo em que constitui um importante referencial para a reflexão ética. Esse contexto reforça que o avanço da ciência deve estar permanentemente fundamentado no respeito à dignidade humana, assegurando que o progresso do conhecimento ocorra em consonância com princípios éticos sólidos.

Nesse contexto, o estudo anatômico promove o respeito aos cadáveres, reconhecidos como a mais valiosa fonte de ensino, além de contribuir para o desenvolvimento da humanização na assistência em saúde e para a construção de uma postura ética sólida na prática profissional e na pesquisa científica. Assim, o legado anatômico da obra *Anatomia Uteri Humani Gravidi Tabulis Illustrata* é inegável e permanece amplamente reconhecido por sua contribuição singular ao conhecimento das estruturas anatômicas gravídicas e fetais.

Entretanto, os métodos possivelmente envolvidos na obtenção dos corpos utilizados na elaboração da obra suscitam importantes reflexões éticas. Caso tais controvérsias venham a ser definitivamente confirmadas, reforça-se a necessidade inequívoca de que o avanço científico jamais se dissocie dos princípios éticos e do respeito à dignidade humana. Dessa forma, a obra de Hunter deve ser compreendida simultaneamente como um marco científico e como um importante elemento de reflexão ética, cujas lições permanecem relevantes para a formação e a atuação dos profissionais de saúde no século XXI.



SOCIEDADE BRASILEIRA
DE ANATOMIA

Referências

1. ROBERTS, A. D. et al. William Smellie and William Hunter: two great obstetricians and anatomists. *Journal of the Royal Society of Medicine*, v. 103, n. 5, p. 205–206, 2010.
2. ILLINGWORTH, Charles. *The story of William Hunter*. Edinburgh; London: E. & S. Livingstone, 1967.
3. HUNTER, William. *Anatomia uteri humani gravidi tabulis illustrata*. Birmingham: John Baskerville, 1774. Disponível em: <https://collections.nlm.nih.gov/catalog/nlm:nlmuid-2491060R-bk>. Acesso em: 10 fev. 2026.
4. THORNTON, J. L.; WANT, P. C. The anatomy of the human gravid uterus: 1774–1974. *BJOG: An International Journal of Obstetrics & Gynaecology*, v. 81, n. 1, p. 1–10, 1974.
5. WAGONER, N. *Anatomia Uteri Humani Gravid Tabulis Illustrata* (1774), por William Hunter. *Embryo Project Encyclopedia*, 2017. ISSN 1940-5030. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10776/11475>. Acesso em: 10 fev. 2026.
6. HOGE, G. Medicalizing childbirth in the 18th century through the illustrated obstetric anatomy atlases of William Smellie and William Hunter. 2017. Dissertação (Graduação) – Baylor University, Waco, 2017. Disponível em: <https://baylor-ir.tdl.org/>. Acesso em: 10 fev. 2026.
7. KEMP, M. The mark of truth: looking and learning in some anatomical illustrations from the Renaissance and eighteenth century. *Clinical Anatomy*, v. 16, n. 1, p. 46–57, 2003.
8. HUGHES, A. Authorship, image-making, and excess: William Hunter’s *Anatomia uteri humani gravidi tabulis illustrata* (1774). *Journal for Eighteenth-Century Studies*, v. 46, n. 2, p. 215–233, 2023.
9. HALPERN, S. Windows on the womb and guiding trains of light: figuring the real in plate XXVI of William Hunter’s *Anatomy of the Human Gravid Uterus*. *Journal for Eighteenth-Century Studies*, v. 47, n. 1, p. 123–142, 2024.
10. DITTMAR, J. M.; MITCHELL, P. D. From cradle to grave via the dissection room: the role of foetal and infant bodies in anatomical education from the late 1700s to early 1900s. *Journal of Anatomy*, v. 229, n. 6, p. 713–722, 2016.
11. SHELTON, D. C. The emperor’s new clothes. *Journal of the Royal Society of Medicine*, v. 103, n. 2, p. 46–50, 2010.
12. CORNWALL, J. et al. Legal and ethical considerations around the use of existing illustrations to generate new illustrations in the anatomical sciences. *Anatomical Sciences Education*, v. 18, n. 1, p. 70002, 2025.
13. YEE, A.; ZUBOVIC, E.; YU, J.; RAY, S.; HILDEBRANDT, S.; ZEIDMAN, L. A.; NUÑO, M. Ethical considerations in the use of Pernkopf’s Atlas of Anatomy: a surgical case study. *Surgery*, v. 165, n. 5, p. 860–867, 2019.